

Escritas helianas: a leitura, as reticências, o riso.

Heliana's writings: reading, reticence, laughter.

Danichi Hausen Mizoguchi

Universidade Federal Fluminense

RESUMO:

O presente artigo advém de apresentação realizadas no encontro Modulações Helianas: docência, militância, escrita, realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no dia 26 de junho de 2024. Interessado pela escrita de Heliana Conde, o texto evoca dois eixos analíticos para fazer aparecer, em especial, duas marcas da produção da intelectual brasileira recentemente falecida: a leitura e o riso. Tomando como intercessores autores como Michel Foucault, Giorgio Agamben, Umberto Eco e Roberto Machado, trata-se de posicionar eticamente o gesto da escrita heliana a partir de uma filosofia da pontuação e de um uso dos prazeres.

Palavras-chave:

Escrita;

Leitura;

Ética.

ABSTRACT:

This article comes from a presentation made at the Heliana Modulations: teaching, militancy, writing meeting, held at the State University of Rio de Janeiro, on June 26, 2024. Interested in Heliana Conde's writing, the text evokes two analytical axes to highlight, in particular, two hallmarks of the recently deceased Brazilian intellectual's production: reading and laughter. Taking authors such as Michel Foucault, Giorgio Agamben, Umberto Eco and Roberto Machado as intercessors, the aim is to ethically position the gesture of Helian writing based on a philosophy of punctuation and the use of pleasures.

Keywords: Writing; Reading; Ethics.

DOI: 10.12957/mnemosine.2024.88566

Um evento, um dossiê, a amizade.

No dia 26 de junho de 2024, Heliana Conde de Barros Rodrigues completaria 75 anos. Diante de seu falecimento recente, amigos, colegas, alunos e admiradores reunimo-nos, nesta data, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, para celebrar sua vida no evento *Modulações Helianas: docência, militância, escrita*. Em seu formato, na composição das suas mesas, em sua localização, tratava-se, certamente, de um evento acadêmico. Todavia, mais especialmente, e sem que por isso se exclua o caráter acadêmico, tratava-se também de um acontecimento de outra ordem: a amorosidade das políticas da amizade. Menos do que um

domínio de pesquisa, uma contração temática ou um intercessor teórico, o crivo de participação nas mesas era afetivo: todos que estivemos lá, compondo as breves e emocionadas intervenções, é porque conhecemos e fomos amigos de Heliana – o que já quer dizer quase tudo.

A atividade na UERJ dividiu-se em três mesas-redondas – ou, como o nome dela já era o gentílico de si mesmo, em três modulações helianas: a professora, a militante e a escritora. A fala de que deriva este texto localizou-se na última delas – aquela interessada em pensar, mais detidamente, a escrita. Obviamente, haveria muitas veredas e bifurcações a tomar diante deste gesto que Heliana realizou com tanta constância e paixão: os gostos, a estética, a densidade, as pesquisas são apenas algumas das tantas opções belas e consistentes de acompanhamento ético-metodológico da textualidade ensejada por ela. Delas, tomaremos dois aspectos como índices dos tantos possíveis que a escrita heliana trazia de singular: a leitura e o riso.

Escrita caudal, leitura voraz.

Não há dúvidas que Heliana, quantitativa e qualitativamente, escrevia muito: artigos, capítulos, resenhas, livros. Há, obviamente, a materialidade objetiva de seus textos: laudas, páginas e volumes em profusão. Ao lado desta quantidade bruta, não são poucos os casos, longevos e recentes, contados e recontados por amigos, que asseveram isto. Por exemplo, certa vez, a professora Claudia Abbês contou do primeiro concurso para substituta que prestou na Universidade Federal Fluminense. Diz ela que, na etapa da prova escrita, ficou travada: não conseguia escrever nada. O tempo passava, e ela só ouvia o barulho de uma caneta riscando incessantemente as dezenas de folhas de prova: era Heliana, redigindo sem parar seu texto acerca do ponto que havia sido sorteado. Ingênuo, perguntei: e tu passou, Claudia? E ela: claro que não: quem passou foi a Heliana...

Por muito tempo, foram lendários entre seus alunos os volumes de sua dissertação de mestrado: enormes, caudalosos, inalcançáveis. No aumento de um ponto a cada conto, era quinhentas, mil, mil e quinhentas páginas, páginas infinitas – e a imaginação voava ao encontro impossível deste material escondido em algum canto de seu escritório, multiplicado a cada vez no deslumbramento das gerações que vinham, e que não se desfez – ao contrário, se encantou exponencialmente – com a publicação, no ano de 2020, das 680 belíssimas páginas de *As subjetividades em revolta: institucionalismo francês e novas análises*.

Há não muito tempo, alguém me disse que ela estava com um novo projeto de pesquisa: era, supostamente, sobre Michel Foucault e o pensamento decolonial. Achei curioso

e inesperado, e, curioso, perguntei a ela se era possível lê-lo. Na resposta à minha mensagem, ela enviou o texto do projeto em anexo, mas alertou que não era exatamente sobre isso, e, sim, sobre um Foucault menor – ou, mais precisamente, sobre “períodos e circunstâncias em geral negativados pelos biógrafos e comentadores”: Foucault na Tunísia, em Vincennes, com os Black Panthers, no Death Valley, dentre outras derivas. Quando li, além do encanto com a precisão do problema e com a sofisticação metodológica, fiquei impressionado com a quantidade de referências – eram 204 textos citados nas 20 páginas do projeto.

Sim, Heliana escrevia muito, quantitativa e qualitativamente, não há dúvidas – e, certamente, haveria mais um punhado de causos para atestar isso. Mas Heliana era, antes, uma leitora voraz, e isto não deve ser entendido como um acúmulo aristocrático de erudição, mas, sim, como a marca singular e específica de um interesse pelo mundo, pela criação alheia, pela certeza de que não se pensa e não se escreve em solidão – exceto se se tratar de uma solidão povoada. A imagem assustadoramente bela da doação para a UERJ de seu acervo monumental de livros é a explicitação pública disso.

Diz-se que, a partir de 1964, Michel Foucault realizava longas jornadas de pesquisas, encadeando em pequenos cadernos de estudante notas de leitura, planos de capítulos e esboços de artigos (Foucault, 1999, p. 18). Roberto Machado, em seu impressionismo brasileiro, assim descreve: “Era homem de passar o dia inteiro na Bibliothèque Nationale lendo textos que ninguém mais lia. Manuseava, às vezes, dez, vinte livros por dia, ou até mais” (Machado, 2017, p. 65). Com Heliana, excluindo-se a célebre instituição parisiense, substituída, quiçá, pelo escritório de casa, também era assim. Aqueles volumes, não apenas comprados e exibidos em mesas e prateleiras, mas também – raridade – lidos e estudados, eram uma síntese da escrita heliana, ou seja, primeiramente, da leitura heliana: gesto complementar, primordial e atentíssimo, capaz de parar em um parágrafo, em uma linha ou em uma palavra de um texto desconhecido e fora da moda acadêmica do momento e dele extrair material para problematizações, veredas, escritas, mais uma vez, caudalosas. Como escreveu Eder Amaral, Heliana era “aquela a quem bastava um parágrafo luminoso para desdobrar uma conversação; ou uma frase perdida, longe dos holofotes habituais, para formular uma interrogação; aquela que fez das reticências um convite permanente ao riso – esta outra forma de dizer pensamento” (Amaral, 2024, p. 88).

O riso, as reticências.

Em *O nome da Rosa*, romance de Umberto Eco (1989), há a figura de um velho monge, bibliotecário cego, cujo nome, em uma óbvia e torta homenagem ao escritor argentino

Jorge Luis Borges, é Jorge de Burgos. Ele é o responsável por uma série de assassinatos motivados pelo temor de que o segundo livro da *Poética* de Aristóteles, em que o estagirita faz uma apologia do riso e de suas virtudes filosóficas, supostamente perdido, fosse lido, debatido e disseminado. Para Burgos, o riso não deveria ser livremente permitido, já que poderia ser utilizado como arma para desacreditar a própria instituição eclesiásticas: o riso mataria o temor e acabaria com a fé. Por isso, todos os abades que tivessem contato com o livro precisariam ser mortos.

Nas primeiras linhas do prefácio de *As palavras e as coisas*, aquele que talvez seja seu livro mais difícil, Michel Foucault escreveu:

Este livro nasceu de um texto de Borges. Do riso que, com sua leitura, perturba todas as familiaridades do pensamento — do nosso: daquele que tem nossa idade e nossa geografia —, abalando todas as superfícies ordenadas e todos os planos que tornam sensata para nós a profusão dos seres, fazendo vacilar e inquietando, por muito tempo, nossa prática milenar do Mesmo e do Outro (Foucault, 2000, p. IX).

Estranha inversão: que este livro tenha se iniciado, em seu ímpeto, pelo riso disparado em Foucault pela aporia de Borges – curiosamente deste mesmo Borges tortuosamente homenageado por Eco como um inimigo filosófico do riso – é digno de nota: Foucault nos lembra que rir, afinal, é outro modo de pensar – e isso, ao menos, desde Aristóteles.

Na dialogada e debochada introdução de seu último livro da fase arqueológica, *A arqueologia do saber*, Foucault diz: “- Você não está seguro do que diz? Vai novamente mudar, deslocar-se em relação às questões que lhe são colocadas, dizer que as objeções não apontam realmente para o lugar em que você se pronuncia? Você se prepara para dizer, ainda uma vez, que você nunca foi aquilo que era? Você já arranja a saída que lhe permitirá, em seu próximo livro, ressurgir em outro lugar e zombar como o faz agora: não, não, eu não estou onde você me espreita, mas aqui de onde o observo rindo.” (2008, p.19). Engendrar seu deslocamento metodológico e temático – da arqueologia para a genealogia, do saber para o poder – é algo que, em Foucault, não se fez sem graça. Descolado de si mesmo – e da imagem de si mesmo –, transmutando-se em outro, não é lugar para lamento: trata-se de graça e prazer – graça e prazer de quem escreve “para não ter mais um rosto” (2008, p. 20), e que não aceita que lhe perguntem quem e nem lhe peçam para permanecer o mesmo. Esta, afinal, “é uma moral de estado civil; ela rege nossos papéis. Que ela nos deixe livres quando se trata de escrever” (2008, p. 20) – e se pensar é desviar, dela, afinal, só resta rir.

No livro em que homenageia o amigo falecido havia pouco, intitulado tão somente *Foucault*, Gilles Deleuze refere que Foucault era habilíssimo em compor quadros simultaneamente risíveis e doídos:

Foucault nunca encarou a escritura como um objetivo, como um fim. É exatamente isso que faz dele um grande escritor, que coloca no que escreve uma alegria cada vez maior, um riso cada vez mais evidente. Divina comédia das punições: é um direito elementar do leitor ficar fascinado até as gargalhadas diante de tantas invenções perversas, tantos discursos clínicos, tantos horrores minuciosos (Deleuze, 2005, p. 33).

Alegria cada vez maior, riso cada vez mais evidente, divina comédia das punições, gargalhadas – o “novo cartógrafo” (Deleuze, 2005, p. 33), em sua analítica do poder e em sua genealogia da sociedade disciplinar, entre suplícios, cidades enquadradas, corpos dóceis e ortopedia das almas, também não esqueceu: rir é um outro modo de pensar – especialmente diante da alegria de destruir aquilo que mutila a vida.

Em seu *Impressões de Michel Foucault*, Roberto Machado (2017) lembra que se ria muito com ele. Em entrevista dada à Revista Cult em 2017, quando do lançamento do livro, Machado diz que quando releu o texto pela primeira vez, ficou impressionado com a presença do riso na vida de Foucault, a ponto de cogitar intitulá-lo “Risos e sorrisos de Michel Foucault” – não só pelo quanto ele era engraçado, mas, também, pelo tanto ele se divertia com o que fazia, sem dar a suas palavras a seriedade que os outros viam nelas.

Sabe-se que a escrita não guarda posição secundária nas políticas de pesquisa. Por outra, o modo como se performatiza a escrita é “o emblema de uma defesa de mundo que se atualiza nas pesquisas” (Mizoguchi, 2021, p. 10). Mais do que ornamento, portanto, trata-se, na textualidade do texto, da construção de uma estilística existencial. Tanto quanto *Sylvia Leser*, sua orientadora de doutorado na USP, quanto como Foucault, o careca que tanto lhe instigou, Heliana também “prezava as risadas, sábia, cônica de que a presunção dos ‘sérios’ em nada favorece o exercício do pensamento” (Rodrigues, 2006).

Eder Amaral nos lembra que “Heliana ria de tudo, mas não de qualquer coisa” (2024, p. 88). Justamente por isso, a escrita heliana – assim como Heliana – também produzia riso o tempo inteiro. Não é que seus temas fossem leves ou simples: a análise institucional, a história oral, as genealogias, Michel Foucault – nada disso leva necessariamente à graça, mas, ao menos tanto quando Foucault, ela sabia que o riso é uma outra forma de pensamento.

Que também os advérbios, e não só os substantivos, como, ao menos desde Sócrates, o amor, a justiça ou a beleza, possam ter dignidade terminológica, é algo que já foi observado por Martin Puder e Karl Löwith, especificamente acerca da função peculiar dos advérbios *gleichwohl* e *schon*, respectivamente em Kant e em Heidegger. Em pensadores como Gilles Deleuze, podemos encontrar um sentido conceitual para a conjunção – especialmente a conjunção aditiva, “e”, que adquire sentido quase ontológico. Porém, é mais raro que sinais de pontuação, como, por exemplo, o hífen, que, em determinadas expressões, une à medida que distingue, também assumam uma função técnica – exceto, talvez, como lembra Giorgio Agamben (2000) pelas breves referências no célebre ensaio de Theodor Adorno.

(...) quanto menos os sinais de pontuação, tomados isoladamente, estão carregados de sentido ou expressão, quanto mais eles se tornam, na linguagem, o polo oposto aos nomes, tanto mais decisivamente cada um deles conquista seu *status* fisiognômico, sua expressão própria, que certamente é inseparável da função sintática, mas não se esgota nela (Adorno, 2003, p. 45).

A imanência: uma vida... foi o último texto escrito por Gilles Deleuze. Para Agamben, os dois pontos e as reticências presentes no título, “apesar da estrutura distraída e quase suspensa, tem uma estrutura insólita, que certamente foi meditada com atenção” (2000, p.171). Em outros termos, os dois pontos e as reticências têm um sentido quase conceitual – cumprem, ali, quase despreocupadamente, uma função técnica fundamental. Agamben aponta que

(...) os dois conceitos-chave não estão unidos, com efeito, num sintagma nem ligados pela partícula e (tão característica dos títulos deleuzianos), mas cada um deles está seguido por um sinal de pontuação (antes os dois pontos e depois as reticências). A escolha desta articulação absolutamente não sintática (nem hipotática nem paratática, mas, por assim dizer, atática) dos dois termos certamente não é casual (2000, p. 171).

Ou seja, sem os dois pontos e as reticências, o título não seria, filosoficamente, o mesmo.

De modo geral, as reticências marcam uma pausa no enunciado, podendo muitas vezes indicar a omissão de alguma coisa que não se quer revelar. No título do texto deleuzeano se trata de outra coisa: nem subtração, nem desvelo, nem mistério. O termo técnico *uma vida...* – assim, com o substantivo necessariamente acoplado aos três pontos – expressa a natureza absolutamente virtual da vida, que, agenciada às reticências, define-se somente através da

própria virtualidade. A vida..., sob esta entonação, sob está dicção, sob esta “filosofia da pontuação” (Agamben, 2000, p. 170), indica, então, a um só tempo, a vitalidade da vida, a virtualidade do virtual, a virtualidade da vida e a vitalidade do virtual. Sintagma simples, com um mundo inteiro em si.

Na escrita heliana, as abundantes reticências, em sua reiterada insistência, também cumpriam uma função muito mais do que retórica. As reticências helianas tinham uma atribuição filosófica – ou, se quisermos, ética. Na escrita heliana, as reticências eram a preparação do riso – mais uma vez, este outro modo de pensar, cuja abertura ao infinito cumpria a função de virtualidade alegre de uma escritora, que com a carga de sua leitura voraz e de sua escrita caudalosa, acreditou na graça até o fim. Pode-se observar alguns exemplos – apenas alguns exemplos, tão somente à guisa de exemplos, não mais do que exemplos, e que, dentre os muitos arquivos possíveis, cada qual saiba selecionar os seus preferidos. Em *Cura, culpa e imaginário radical em Cornelius Castoriadis: percursos de um sociobárbaro*: “Dito isto conclui que, ao tentar fazer teoria da história, o marxismo acaba por fazer, simplesmente, história *capitalística* ... do capitalismo!” (Rodrigues, 1998). Em *A Psicologia Social como especialidade: paradoxos do mundo Psi*: “Emitida em um longínquo 1978, a carteira tipo caderninho tem páginas e páginas destinadas a anotações, jamais feitas, por sinal. Hoje, poderia (mas não vai!) conter algo como ‘Especialista em...’. Só se for em *indisciplina*, penso”; Em *Sylvia Leser orientadora: um muito de possível*: “Porém textos e pessoas não autorizam correspondências biunívocas, e eu estava inquieta – tantas pessoas, hoje, prefiro... em texto!!!!”; Em *Michel Foucault na imprensa brasileira durante a ditadura militar: os ‘cães de guarda’, os ‘nanicos’ e o jornalista radical*: “Rapidamente inventei um título e elaborei um breve resumo, sem muito me ocupar de eventuais dissonâncias – minha angústia com mesas-redondas só cresce... às vésperas” (Rodrigues, 2012).

Os prazeres.

Riso, pensamento, filosofia da pontuação: em Heliana, as reticências eram, enfim, uma espécie de uso dos prazeres. Em sua última virada teórica, em meados dos anos 1980, Michel Foucault nos lembra que toda ética é uma prática de si. Em um de seus mais belos cursos, *A hermenêutica do sujeito*, diz que “ocupar-se consigo não é, pois, uma simples preparação momentânea para a vida; é uma forma de vida” (2006, p. 446). Com essa inflexão teórico-política, o campo da subjetividade torna-se objeto de disputa: torna-se, em outros termos, singularização e diferenciação ininterruptas. Vidas outras, afirmações, autonomias, experimentações: artes de viver.

Nesta perspectiva a um só tempo ética, estética e política, Foucault define os aphrodisia como “atos, gestos, contatos, que proporcionam uma certa forma de prazer” (1984, p. 53). Como ele disse em uma entrevista traduzida para o português pela própria Heliana, “o prazer é, ao mesmo tempo, uma percepção da realidade, uma relação com a realidade e um comportamento abertamente realista” (Foucault, 2008, p. 70), a efetivação da vida como obra de arte, quando se governa a própria vida para lhe dar a mais bela forma possível.

Talvez, ao fim e ao cabo, sob leituras vorazes, escritas caudalosas, reticências e risos, se tratasse sempre disso: de um uso dos prazeres e de um modo de vida helianos – finalmente, uma realidade heliana contraída, vez que outra, em reticências que preparam o prazer do riso. É assim, sorridente, que me lembrarei para sempre de minha mestra. Que a morte dela tenha um efeito de reticências... e que com toda força política de nossa memória heliana, possamos ativar em nós, de nós e entre nós, leituras, escritas, prazeres e, sempre, risos sem ponto final...

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Sinais de pontuação*. Em: *Notas de literatura*. São Paulo: Ed. 34, 2003.

AGAMBEN, Giorgio. *A imanência absoluta*. Em: Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000.

AMARAL, Eder. *Mostrar os dentes: Heliana Conde, uma ferocidade*. Em: VERVE: Revista Semestral do NU-SOL - Núcleo de Sociabilidade Libertária / N°45 (Maio de 2024). São Paulo: Nu-Sol, 2024.

ECO, Umberto. *O nome da rosa*. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos, volume 1 - Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

MACHADO, Roberto. *Impressões de Michel Foucault*. São Paulo: n-1 edições, 2017.

MIZOGUCHI, Danichi Hausen. *As navalhas da urgência: as políticas da escrita e a destruição do mundo*. Em: Políticas da escrita em pesquisas nas Ciências Humanas. Niterói: Eduff, 2021.

RODRIGUES, Heliana de B. C. *Cura, culpa e imaginário radical em Cornelius Castoriadis: percursos de um sociobárbaro*. Em: *Psicol. USP* 9 (2), 1998.

RODRIGUES, Heliana de B. C. *A Psicologia Social como especialidade: paradoxos do mundo Psi*. Em: *Revista Psicologia e Sociedade* 17 (1), 2005.

RODRIGUES, Heliana de B. C. *Sylvia Leser orientadora: um muito de possível*. Em: *Revista de Psicologia da USP*, 17 (3), 2006.

RODRIGUES, Heliana de B. C. *Michel Foucault na imprensa brasileira durante a ditadura militar: os "cães de guarda", os "nanicos" e o jornalista radical*. Em: *Revista Psicologia e Sociedade*, 24, 2012.

RODRIGUES, Heliana de B. C. *As subjetividades em revolta: institucionalismo francês e novas análises*. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2020

Danichi Hausen Mizoguchi

Professor do Departamento e do Programa de pós-graduação em psicologia da

Universidade Federal Fluminense

E-mail: danichim@hotmail.com
